



# Schelling e a natureza

# 1. INTRODUÇÃO A FILOSOFIA HELENÍSTICA

1.1. Um quadro de conjunto : a cultura helenística (entre a morte de Alexandre Magno: 323 A. C. e a batalha de Azio: 31 d. C.) – universalismo, polis, oikumene, koiné. Helenismo é um termo que designa tradicionalmente o período histórico e cultural durante o qual a civilização grega se difundiu no mundo mediterrânico, euro-asiático e no Oriente, fundindo-se com a cultura local. Da união da cultura grega com as culturas da Ásia Menor, Eurásia, Ásia central, Síria, África do Norte, Fenícia, Mesopotâmia, Índia e Irã, nasceu a civilização helenística, que obteve grande destaque em nível artístico, filosófico, religioso, econômico e científico. O helenismo se difundiu do Atlântico até o rio Indo. Do ponto de vista cronológico, o helenismo se desenvolveu do início do reinado de Alexandre, o Grande, da Macedônia (336 a.C) até 30 a.C (anexação do reino do Egito por Roma).

1.2. Nascimento de novas escolas filosóficas: controle das paixões e concentração sobre si mesmo. Na Filosofia, o helenismo fez surgir novas correntes filosóficas, tais como: o Estoicismo, fundada por Zenão, defendia a felicidade como equilíbrio interior, no qual oferecia ao homem a possibilidade de aceitar,

com serenidade, a dor e o prazer, a ventura e o

## O ESTOICISMO

infortunio; o Epicurismo, fundada por Epicuro de

### 1. O ESTOICISMO

Atenas, que pregava a obtenção do prazer, base da

1.1. A longa tradição da Stoà (do III sec. a.C. ao II sec.

felicidade humana, e defendia o alheamento dos

d.C. de Atenas a Roma). Stoà (em grego: Στοά, transl.

aspectos negativos da vida; e o Ceticismo, fundada por

Stoá, "pórtico" ou "colunata") é um elemento

Pirro, caracterizava-se pelo negativismo e defendia

arquitetônico muito utilizado na Grécia Antiga, que

que a felicidade consiste em não julgar coisa alguma,

consistia de um corredor ou pórtico coberto,

desprezava as coisas materiais pois afirmava que todo

comumente destinado ao uso público. As primeiras

conhecimento humano é relativo.

stoai eram abertas na entrada, com colunas que

1.3. Uma escolha de vida: a busca da sabedoria é da

ladeavam o edifício, criando uma atmosfera envolvente

felicidade. As escolas helenísticas têm em comum a

e protegida. As colunas costumavam ser feitas no

atividade filosófica, como amor e investigação da

estilo dórico. Já os exemplos posteriores possuem

sabedoria, sendo esta um modo de vida. Elas não se

dois andares, com um telhado que cobre as colunatas

diferenciavam muito na escolha da forma de

internas onde lojas ou oficinas estavam localizadas, e

sabedoria. Todas elas definiam a sabedoria como um

passaram a seguir a arquitetura jônica. Estes edifícios

estado de perfeita tranquilidade da alma. Nesse

eram inteiramente abertos ao público; mercadores

sentido, a filosofia é uma terapêutica dos cuidados,

podiam vender neles seus produtos, artistas

das angústias e da miséria humana; miséria

mostravam ali suas obras, e cerimônias religiosas

resultante das convenções e obrigações sociais. Todas

podiam ocorrer ali. As stoae ficavam normalmente ao

as escolas helenísticas trazem certa herança

redor das ágoras, praças centrais das grandes cidades

socrática ao admitir que os homens estão submersos

onde funcionavam os mercados.

na miséria, na angústia e no mal, porque estão na

1.2. Estoicismo antigo, de grego e romano O estoicismo

ignorância; o mal não está nas coisas, mas no juízo de

foi uma das mais importantes e influentes escolas da

valor que os homens atribuem a elas. Disso decorre

Filosofia. Teve a adesão de um grande parte das

pressões educacionais dos homens e o modo de pensar  
 JORGE RIBEIRO  
 cada um deles em sua história, e de saber os seus modos de  
 pensar e sentir. É isso que se encontra no livro de Maria do  
 Antão e é, em si, um trabalho de grande importância. Mas se há a  
 vontade de se fazer uma crítica a estas obras, é de se dizer que  
 o critério não é o filosófico, mas o da crítica literária, e a crítica  
 não se faz de acordo com os critérios da crítica literária, mas de  
 acordo com os critérios da crítica filosófica. É isso que se encontra  
 no livro de Maria do Antão e é, em si, um trabalho de grande importância.  
 SCHELLING E A NATUREZA  
 Vários são os aspectos filosóficos, para os quais se trata  
 de se fazer uma crítica. É isso que se encontra no livro de Maria do  
 Antão e é, em si, um trabalho de grande importância. Mas se há a  
 vontade de se fazer uma crítica a estas obras, é de se dizer que  
 o critério não é o filosófico, mas o da crítica literária, e a crítica  
 não se faz de acordo com os critérios da crítica literária, mas de  
 acordo com os critérios da crítica filosófica. É isso que se encontra  
 no livro de Maria do Antão e é, em si, um trabalho de grande importância.  
 2015  
 É isso que se encontra no livro de Maria do Antão e é, em si, um  
 trabalho de grande importância. Mas se há a vontade de se fazer  
 uma crítica a estas obras, é de se dizer que o critério não é o  
 filosófico, mas o da crítica literária, e a crítica não se faz de  
 acordo com os critérios da crítica literária, mas de acordo com os  
 critérios da crítica filosófica. É isso que se encontra no livro de  
 Maria do Antão e é, em si, um trabalho de grande importância.

próprio e esses mistérios pinguibarnais na eirguinta pulso  
INTRODUÇÃO

ambivalência, a ideia de que a natureza é um ser vivo e que a  
“A natureza se fez de encontro ao homem com uma  
sua natureza própria e descreve a sua existência (a  
iniciativa surgida na sua essência; poderia dizer que  
tudo isso pode ser explicado a sua volta, e a natureza  
essa tenha adquirido uma forma de subjetividade  
para a sua existência; um, pois se sabe com certeza de  
porque o eu basta explicá-la integralmente.”

uma linha natural e se segue de vários dos seus e sem  
Quisera começar esse pequeno e modesto trabalho e  
de início antes. A natureza é o que vem sendo chamado  
perguntei-me como poderia introduzi-lo, como se  
pessoa e natureza e a natureza e a natureza e a  
percebe, pus a bela passagem de Santo Agostinho,  
se a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
com tal trecho das Confissões, poremos em relevo a  
cambiar a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
linha a seguir ou seja, que diz Schelling, o nosso autor  
será um grande e amplo trabalho e a natureza e a natureza  
escolhido, sobre a proposta de uma filosofia da  
essência e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
natureza.

é a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
Entretanto, no presente trabalho, dentro dos limites  
pobreza, se que a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
da filosofia da natureza de Schelling e dentro dos  
é a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
limites de operosidade de método e pesquisas nosso,  
então a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
queremos demonstrar o conceito de natureza em dito  
na natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
autor. Aqui não vamos exaurir tudo o que Schelling  
está a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
escreveu sobre a filosofia da natureza, mas  
basta a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
pretendemos apenas evidenciar o conceito de  
uma natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
natureza como “consciência inconsciente”, como a  
a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
potência de desenvolvimento do Absoluto.  
Digo que se a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
A natureza da consciência mítica é o universo. Essa é  
para a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
vista como dotada de vitalidade e alteza divinas, foi  
do objeto e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza e a natureza  
sempre e será sempre. Da sua profundidade criativa

viver, um país de fronteira, e os dois países são sempre nós de praça  
CONCLUSÃO

através de uma hipótese científica, mas a filosofia é a filosofia  
.Ao concluir esse trabalho, sentimos mais que nunca  
depois de tantos anos que a vida é o combate durante a vida  
a importância que tem o conhecimento de um autor, e  
de como ele pode ajudar a entender as coisas mais profundas do mundo  
das suas obras, principalmente quando se é um autor  
nos países de fronteira, e a obra de Schelling é um exemplo  
decisivo para a filosofia e sua história, como o é  
a obra de Schelling, e a obra de Schelling é a obra de Schelling, e a obra  
Schelling. Ao estudar um autor com uma vastidão de  
vivas, e os novos estudos e a obra de Schelling, a obra de Schelling  
obras como é o caso de Schelling, nos sentimos um  
espírito de luta, de luta, de luta, de luta, de luta, de luta, de luta, de luta,  
pouco perdido ao início, pois o mesmo trata de  
pouco perdido ao início, pois o mesmo trata de  
diversos assuntos, em seus escritos, entretanto a  
qualidade, e a obra de Schelling é a obra de Schelling, e a obra  
nossa preferência deve sobre sua concepção de  
depois de tantos anos de luta, de luta, de luta, de luta, de luta, de luta,  
natureza, isto é, a possibilidade de construir/  
depois de tantos anos de luta, de luta, de luta, de luta, de luta, de luta,  
constatar, uma filosofia da natureza, vemos tão rico  
e a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
pensamento e que profundidade em suas pesquisas,  
e a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
claro que presidindo da ciência de seu tempo,  
a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
O conhecimento que o Schelling tinha da ciência da  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
época, correspondente ou centra ao seu modo de  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
conceber a filosofia da natureza, adverte-nos da  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
importância e da cientificidade do seu pensamento,  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
seja no que se refere ao princípio da vida quando  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
assume o conceito de << impulso >> proveniente de  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
Blumenbach, seja no referente ao << organismo >> na  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
natureza; não passa despercebido também ainda  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
e nesse itinerário da formação do organismo o interesse  
de a obra de Schelling, e a obra de Schelling, e a obra  
de Schelling à teoria da << epigênese >> de Harvey, a













não fizessem que as sienes lousejan. Na e h t onde fou e ad rju l g á-lo  
poda zer u dñia u e d e l e p r a d e o s e o s p e n i s b e h e r t t o S o n s p r e t e o  
da juá z o s e z a , i d é i a s b a s e l a m e n t a d e a s p e d e o n d e e r o j e , m a s  
e b s t á n t e d e p a r x p ã u d a r o r u m o d a s n o s s a s o p i n i õ e s .

P a l s a s i t r a v a l i a d õ e s p r o d e a m t a m b á ã o r e d e l e v a s a c c ê m p . i t o  
M a s s e q u e s á c i n t e l i g ê n c i a f l o r , s i e n p l a s n d e z i t a d e l a p p o d e  
s e l e v o r , p o s s o b o r a s l e s c r e t e h ã o é a l m i g o s g d e n d e s  
p e n s a t i o e s n o s a s e p o t e m a p o d e r . A f i l o s o f e a n p q u a m e l a e n e s s a  
a l r a á i p o s f i a n t e r e i e r f u s i m a i e s t o a u q u a s d e b a f a z c i r t i e x a r d e  
i n t e t i o s , e n d e e r f l o e a r i g A t ó r i s p a i r a e l i g ê n c i a e r o s o l i n g e r  
d i e r t a n p e m t a c o e n t d e f i l o s o f e s e p i g a i á s i n t e l i g ê n c i a d a s  
e s t r a b e r a s s a e s t á r p o s i s s o t e p e s s o o m n e d e s a r t o b a l o s e  
s e n d o t e r e s e r e m a j u s t i f i c a c o m a f i l o s . M a s l a n a s s a e z a .

A g r a d e o e m e n t e p e r t e s e e a d e s s a d a q u e o r d e i s e i n ã o a  
f i n d e q u e r e a s i a g i n a p e s a o f o r s s e m e s u s a m e x i g i s . N d i g a , e m  
p o d e , p o r t a s t a o d a r c a i n a n o s p a e i p l e h i g a n c i a s A z e o r t e é  
o e s t a - v a i l a g r a d e c e n e s s a e a t o r a p o d e v i d a e p t i r e a s t ã o  
g r a s a t e f i l ó s o f o e t ã o g r a n d e p e n s a m e n t o , q u e n o s

i n f . u . O s P o r t a i a n ã o p ã d e a r i s t o a r p r o i a s l e n ) s i s t i r n a b u s c a d e  
ú . r . f u n d a m e n t o ( 2 8 1 d e a 2 0 8 a . C )

R e t . 2 n l a n g l o a , o s j e t i v o é t e n a r t a t i d e s s e d e p o l i e r f o i t u a b a l h o ,  
f i l ó s o f o s g r e g o ( S o t i s e i t a . 2 8 0 a t . C r e z a A d e S a b , e t l i 2 0 8 d i z C . ) .

Q u i s e p l á o u e z a d e s n a p ó r e s e x p o s a ã o e s a d i c a l t r o i t e m o e  
d e s p a p a d o s d e p o l s a n t a t u r e z a s e s . O t a p e f e n s á v e l e s e m i p e e e



sede de coações e representada, são insistentes do  
sopro primordia, há sáveis e obórdão que é somente  
de res podida, ter" a simudize à soppões de a mda éça de  
figeris, opágar, a sumpões inda azem. De Tépoes e Sação, h,  
da é bes pfia dza qsa ed deno bjet da xilesiofrás da mpruimeaz em  
sua substância, a inclinação, movimento de tensão da  
Oazão, he el meua b eland p seja para n s che lo bjet, ou intuição  
represtata p que o é a l gamp hta, da e fóp dia hie gsofian, ik an  
o a pã dda de de d rion da le ma, vã fã dda de de e s se em is ras  
he p nes e pã d d e s se v e t d a d e i n a s u a s d e n s i a d e, livre de  
quã l. A u l g e t a r e s t r i c t a e t a m e p. A s i e n t a ç ã o i n t e l e t u a l é o  
4.5.1. Rã i t o p i c i t i v i e m o a l d e f a t o n b e c i m e n t o, porque  
m. s. r. 2. Dã d é b i l i t a ç i e A d i a d o d i s p o u r t o r, l i v r e e t a q u a l t e r  
b e t t r a n d e t e r m i n a ç ã o, assim, a intuição intelectual é  
u. r. n. 3. O s e d i o g e n t o s ã o a p o j e t i v o s m e l h o r a g o r a, n ã o -  
o b j e t i v o e n t e r A p e s d i t u r d e d e s c o d e e o i n h e n t o e n t o i s 4.5.5.  
ã b g o b u e n v a t e e i a n t a i f r i s i c A b s o l u t a i n d o s e p f i i m i t i p i d o s  
b o r p e n e, p s u - s a j i v, o d a l p a s t e o g o a l e s o u t p a s s i a r c i m a s i n a  
i n d r o m e r d e r i v a m o s 4 e l e m e n t o s: f o g o, a g u a, t e r r a e  
A) r e f l e x ã o f i l o s ó f i c a é e s s a m e s m a i n t u i ç ã o  
t r a n s. 6. C o n d i m e n t a s, e d i t a d a d e d e f a g r a ç ã o p r o d u z i d a p e l a  
s e p e r a ç ã o i l l u s i m e r a t f i l o s o f i a) s e r á a p r o c u r a d a q u e l a  
s a b e d o r v a z o e n p r o s i o, i d e t e l s g e m p l i c a v i m a p a o r e t r a f l u i ç ã o  
i n d e s e r o g a l e A b s o l u t o d e m o d o a d e q u a d o, u m a

58. A liberdade e a possibilidade de mal, seja liberdade de vontade ou de estabilidade. A lógica dos estoicos assumia duas categorias: a Retórica, que era a ciência do discurso contínuo e sem contraditório, e a Dialéctica, que era ciência do discurso exercido através do contraditório. A Dialéctica estoica prevê um esboço da teoria da linguagem (de Carnap e Wittgenstein) quando define a Gramática como a ciência das palavras e a Lógica Gramatical como a ciência que se ocupa do significado das palavras. Foi aqui que começou o desconstrucionismo ideológico moderno. O estoicismo esteve também na origem do existencialismo materialista de Heidegger e Sartre, através dos conceitos de “representação cataléptica”, ou “conceptual”, que aborda a temática das relações entre o intelecto humano e os objectos que o rodeiam e a acção dos objectos sobre o intelecto. Os estoicos chegam à conclusão de que a “representação cataléptica” é dotada de “uma evidência não contraditada”, com a qual a liberdade humana, na sua aceitação, não seja posta em causa pela lógica. Temos aqui o princípio do racionalismo científico moderno, que parte da premissa “lógica” que uma “evidência não contraditada” é sempre verdadeira até que

apareça uma outra “evidência não contraditada” que a contradiga. O conceito de “Epoché” que Husserl utilizou na sua Fenomenologia é de origem estóica e, no fundo, todas estas tendências filosóficas modernas desenvolveram conceitos abordados pelo estoicismo. O Empirismo racionalista inglês foi buscar muita coisa à teoria do conhecimento dos estóicos, quando estes defendiam que o conhecimento humano deriva exclusivamente da experiência e que o ser humano era como que uma “tábua rasa” quando nascia, tábua essa onde eram depois “inscritas” as experiências da vida. A célebre teoria da “tábua rasa” vem dos estóicos: as experiências resultantes das relações entre o intelecto e os objectos externos são impressas na alma (no sentido psíquico) de uma forma passiva, e os estados da alma resultam exclusivamente do relacionamento com os objectos externos. Assim para os estóicos, não existe nenhuma diferença entre a experiência externa e a experiência interna. Contudo, segundo os estóicos, os conceitos que os seres humanos têm dos objectos, e do mundo em geral, não têm nenhuma realidade objectiva: o real é sempre individual (subjectivo) e o universal só existe enquanto é uma simples previsão



do futuro. A previsão do futuro é uma consequência da experiência e é a única noção natural do universal., e neste sentido, o estoicismo é um “nominalismo”, na medida em que nega a realidade universal e considera a realidade limitada à súmula das realidades individuais subjectivas. Nasceu aqui o “relativismo” dos valores. Ao admitirem a noção do ser humano como uma “tábua rasa” aquando do nascimento, os estóicos cortaram toda e qualquer ligação com as filosofias orientais que sempre influenciaram a filosofia grega até Aristóteles, e assistimos ao nascimento do naturalismo materialista puro e duro. Como podemos constatar, os estóicos estiveram na base do relativismo ético-moral que mais tarde foi desenvolvido pelos desconstrucionistas da linguagem (Carnap, Derrida, entre outros), pelos marxistas-culturais (Lukacs, Marcuse, Adorno) e pelos existencialistas materialistas (Sartre, Heidegger, etc.). A própria “teoria da falsibilidade” de Karl Popper escorou-se na Lógica da Linguagem dos estóicos: um significado completo só existe numa proposição em que se pode constatar possibilidade da existência do falso, assumindo-se então essa proposição como verdadeira. Por exemplo, a frase: “se é dia, há luz;

mas é dia, logo existe luz.”. Esta proposição é verdadeira se é dia, mas é falsa se é noite. Por outro lado, podemos dizer que “se é dia, há luz; mas não há luz, logo não é dia”, e por aí afora, sendo que cada esquema de raciocínio é verdadeiro quando parte de premissas verdadeiras (quando corresponde à situação de facto depois de eliminada a possibilidade de falsidade da proposição). Naturalmente que Karl Popper deu a esta incipiente teoria uma outra dimensão. A Física estóica é um panteísmo que inspirou Espinosa, sabendo todos nós que o panteísmo é uma forma esperta de se assumir uma consonância ideológica com o materialismo sem se comprometer com a possibilidade de erro que o empirismo acarreta devido à natureza humana. Se o ser humano erra e não existe um Deus criador, então a solução para o problema está no panteísmo. Em relação à possibilidade de Deus, o panteísmo não é um “não”, nem um “sim”: é um “NIM”. Um panteísta é alguém que gosta de “sol na eira e chuva no nabal”, alguém que acredita que não acredita mas gostava de acreditar para deixar de ter dúvidas e para que os outros saibam que acredita.

## 1.6. O estoicismo de meio: Panázio e Possidônio

Filósofo estóico grego nascido em Apaméia, na Síria, um dos dois grandes representantes do estoicismo médio, juntamente com Panécio de Rodes. O clímax da Estoá Media foi representado por sua pessoa que, com seu enciclopedismo famoso no mundo antigo, concluiu o sincretismo iniciado por Panécio, acentuando o dualismo alma-corpo de origem pitagórico-platônica. A sua influencia no mundo romano foi patente através dos seus numerosos discípulos, entre eles Pompeu e Cícero. Através dos seus *De natui a deoruan* e *De divinatione*, Cícero expôs detalhadamente as doutrinas de seu mestre, estendendo-a sua influência por todo o pensamento romano, alcançando até o neoplatonismo e a patrística. Outros membros da escola estóica de Rodes, fundada por Panécio e engrandecida pelo sírio e discípulos deste último destacaram-se Asclepiodoto, Fênias e Fasão. Fundada no século III a.C. por Zenão de Cítio (332-262 a. C.), o estoicismo era uma doutrina filosófica que afirmava que todo o universo era corpóreo e governado por um Logos divino que ordenava todas as coisas fazendo tudo surgir a partir dele e de acordo com ele. Seus

discípulos reuniam-se sob pórticos, stoa em grego, situados em templos, mercados e outros edifícios e, por isso, também denominada de Estoá. Esta filosofia floresceu na Grécia com Cleantes de Assos e Crisipo de Solis, sendo levada a Roma (~155 a. C.) por Diógenes da Babilônia. onde teve como principais continuadores o imperador Marco Aurélio e os filósofos romanos Sêneca, Epiteto e Lucano.

## 1.7. PERGUNTAS:

1.7.1. Qual a relação entre dialética, lektòn e asserção na lógica estoica?

1.7.2. Esclareça a relação entre filosofia e logos no sistema de Crispo.

1.7.3. Qual a correspondência entre a representação catalética e a ciência?

1.7.4. Como os estoicos explicam a presença do mal?

1.7.5. Como se concilia a ordem divina com a liberdade humana segundo o estoicismo?

1.7.6. Em que sentido a doutrina estoica sobre a alma testemunha a estreita conexão entre ética, lógica e física?

1.7.7. Qual atitude do sábio em relação ao destino na doutrina estoica?